

O INSTINTO DE DOMINAÇÃO

Publicado a 4 de março de 2012 por lgm

A evolução moral depende não só de ações no Bem, ou sejam, a atuação no mundo exterior em favor das pessoas ou do meio onde se vive, mas também, dentre outros itens, da detecção da força que os instintos primitivistas ainda mantêm sobre nós e sua adaptação a finalidades úteis.

Exemplifiquemos para melhor compreensão.

Quantas vezes por dia nos sentimos incomodados por inúmeros acontecimentos que nada têm a ver conosco; com as opiniões alheias que divergem das nossas; com a aparência física daqueles que estão mais bem apessoados que nós, gerando inveja ou menos qualificados esteticamente, provocando desprezo; com os que estão abaixo na escala social ou acima; com os mais instruídos e os de pouca cultura; e assim por diante!

Em resumo, tudo que não trabalha em favor dos nossos interesses costuma nos causar pequenas ou grandes irritações, dependendo do nível de paciência, tolerância, respeito humano, caridade, desapego, simplicidade e humildade que já tenhamos adquirido.

O instinto de dominação sobre os outros ainda é muito forte em nós, constituindo-se em sinal de atraso moral, pois a razão nos ensina que é convivendo com a diversidade que ampliamos nossos conhecimentos.

Trava-se, no nosso interior, uma luta silenciosa entre a razão, de um lado, e esse instinto, de outro, que somente a iluminação interior, ou seja, o desenvolvimento moral, com a conquista das virtudes do desapego, humildade e simplicidade consegue pacificar.

Não se deve procurar eliminar os instintos, conforme ensina o Espírito Joanna de Ângelis, pois eles são aquisições evolutivas, mas sim fazê-los trabalhar em favor da nossa própria evolução: são como cursos d'água, que se controlados geram benefícios e se mal direcionados provocam desastres.

Unindo-se instinto e razão sob o comando da Ética que as Leis Divinas estabelecem, o Espírito realiza grandes conquistas morais e intelectuais, com proveito para si próprio e as outras criaturas.

Para realizar essa conquista, todavia, faz-se mister a autoanálise permanente, mudando a forma de enxergar o mundo exterior e conviver nele, deixando de incomodar-se com o que atualmente ainda nos incomoda e passando a aprender com todos o que não sabemos ou, no mínimo, reforçando o que já sabemos.

Assim estaremos adquirindo a virtude do não-julgamento (Jesus disse: Eu a ninguém julgo”), que representa um grau avançado da evolução, mas que será alcançado através do exercício permanente.

A Lição de Jesus de que deveremos ter “olhos bons” pode ser aplicada também neste caso.

Luiz Guilherme Marques